

Considerações kantianas sobre os Gêneros

Alice Lino*

Resumo: O texto proposto apresenta a descrição kantiana dos gêneros e as relações entre estes através das obras: *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764) e *Antropologia de um ponto de vista Pragmático* (1798). Na primeira, os gêneros são determinados através das categorias estéticas do belo e sublime. A partir da distinção estabelecida entre os sentimentos de prazer, as virtudes morais e os caracteres psicológicos ocupam um lugar determinado e assim se elabora o conceito da diferença entre os sexos. Já na *Antropologia*, o homem é tratado como cidadão do mundo. Trata-se do sujeito que é atingido por regras jurídicas precisas e ainda assim age livremente.

Palavras-Chave: Gêneros, Relações de Gêneros, Kant, Estética, Antropologia.

Abstract: The considered text presents the Kant's description of the genders and their relations. For such it will be used the following works: *Observation on the feeling of the beautiful and sublime* (1764) *Anthropology from a pragmatic point of view* (1798). In the first one, the genders are determined through the aesthetics categories of the beautiful and sublime. From the established distinction between the pleasure feelings, the moral virtues and the psychological characters occupy a definitive place and thus the concept of the difference between the genders is elaborated. In the *Anthropology*, the man is considerate as the citizen of the world. This citizen is reached by precise laws and still acts freely.

Key words: Genders, Gender's relations, Kant, Aesthetics, Anthropology.

Introdução

Quando as *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764) foram publicadas, Kant já havia cumprido o que seria a metade da sua existência, tinha ele 40 anos de idade e a essa altura já apresentava certo respaldo no meio acadêmico alemão. Nesta obra, o estilo adotado na escrita mostra-se bem mais agradável aos olhos do leitor; diferente daquele empregado em seus escritos sistemáticos. Mas, acima de tudo, o discurso caracteriza-se por apresentar um caráter antropológico. Na terceira seção, em especial, Kant trata das questões relativas aos gêneros. A

* Bacharel e Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, onde atualmente é mestranda na linha de Estética e desenvolve pesquisa sobre relações de gênero, mulheres e feminismos na perspectiva de Immanuel Kant. E-mail: alice22lino@hotmail.com

diferença entre os sexos é, então, apresentada a partir da distinção entre os sentimentos do belo e do sublime. Tais categorias são capazes de exprimir modelos de expectativa por, justamente, agregarem valor. Nas palavras de Vinícius Figueiredo¹, “o ideal de elegância formulado conforme os parâmetros do refinamento prefiguram com nitidez a figura do homem esclarecido”(KANT,1993:12). Na *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798), Kant também destina uma seção à caracterização antropológica dos sexos. Tal obra, segundo Michel Foucault, seria o resultado de uns 25 de pesquisa, sendo este material utilizado em disciplinas ministradas por Kant. O conteúdo da obra refere-se aos relatos de viajantes famosos atrelados às considerações kantianas sobre ética, metafísica e geografia física. O conhecimento acerca do homem de um ponto de vista pragmático diz respeito ao que o homem faz, pode, ou deveria fazer de si mesmo ao agir livremente. Ou seja, o homem é considerado no âmbito da moral e do direito. Tal conhecimento mostra-se diferente do conhecimento fisiológico, que visa à investigação do que a natureza fez com o homem. No conhecimento propriamente pragmático o homem é tratado como cidadão do mundo. A partir de tal perspectiva, apresentam-se relatos sobre os gêneros e a relação entre estes em uma seção intitulada “O caráter do sexo”.

As obras aparecem no corpo do presente texto separadamente, visto que a primeira mencionada pertence ao período pré-crítico e a segunda perpassa toda a filosofia kantiana, pois se origina no encerramento do período pré-crítico e sua redação definitiva aparece somente no período pós-crítico. O que implica dizer que o filósofo adota uma abordagem diferente para cada uma delas, ainda que o conteúdo - no tocante a descrição dos sexos - seja espantosamente semelhante.

Belo e Sublime: Mulher e Homem

Na perspectiva elaborada nas *Observações*, Kant determina que a distinção entre os gêneros é de suma importância quando se discute a educação, a formação moral e quando se pretende estabelecer qualquer juízo acerca do ser humano. A natureza feminina é, então, determinada através da categoria do belo. Para Kant, encontram-se no caráter espiritual os traços determinantes desse sexo, visto que as mulheres tendem a exprimir um forte sentimento inato por tudo que é portador de beleza. Os homens, por sua vez, são considerados como pertencentes ao

¹ Tradutor desta obra para o português.

sexo nobre ou sublime. As caracterizações que implicariam a determinação da marca sublime são consideradas dispensáveis pelo filósofo, sendo mais apropriado a este sexo recusar os títulos de nobreza e atribuí-los às mulheres. A atribuição das categorias aos gêneros determina aspectos específicos dos sexos, mas não impede, necessariamente, que as mulheres apresentem características do sexo nobre e vice-versa.

O filósofo associa ao denominado “belo sexo” a honestidade, os sentimentos piedosos de bondade e compaixão e uma alma dotada de solicitude. Simplicidade e ingenuidade engendram a qualidade nobre da modéstia, também atribuída ao belo sexo. As mulheres que fazem uso desta são benevolentes e respeitosas com aqueles que a circundam e costumam ser dotadas de certa dose de confiança, que quando aliada a uma boa medida de auto-estima acaba esculpindo espíritos elevados. Essa conduta ainda protege todas as outras qualidades contra a malícia, a repreensão e a sátira. Segundo Kant, a perfeição do belo sexo é alcançada quando a bela simplicidade mostra-se elevada por um sentimento refinado por tudo que é belo e nobre.

Kant também nos relata o que entende como sendo “fraquezas femininas”. A sensibilidade, então, se faz presente. Para ele, diante da menor ofensa ou desgraça a alma feminina, logo se inunda de melancolia, visto que seu comportamento sugere recusa diante da menor ofensa. A vaidade também será considerada um “belo” erro. Mas, sobretudo, um erro que merece perdão, pois na perspectiva do filósofo uma mulher vaidosa não ofende a ninguém. Os problemas desta qualidade ocorrerão somente entre elas, quando uma mulher sentir que está sendo abafada por outra. Tal fato ocorre, geralmente, no ato da conquista. Ao proceder dessa forma, a mulher apresenta-se volúvel e leviana. Prescrevendo este comportamento, mais que vaidosa, ela é tola. Kant adverte que não se deve confundir vaidade com presunção. “A primeira busca o aplauso e, em certa medida, honra aquele que por ele tanto se esforça; a segunda pensa já se encontrar na posse completa desse aplauso e na medida em que não se empenha em adquiri-lo, tampouco ganha algum.”(Kant,1993:53) Segundo o filósofo, a presunção deturpa o caráter, moldando-o sobre o regime da estupidez e da arrogância. Distintamente, o pudor irrompe como aquele que contém a inclinação impetuosa. Nesse movimento ocorre a agregação de qualidades morais. Contendo a inclinação, o pudor impede que recaia sobre os fins da natureza o véu da vulgaridade, ou seja, impede que o que se revela como sendo conveniente e necessário à natureza humana provoque asco ou até a indiferença. Tal qualidade diz respeito, somente, ao belo sexo.

No que tange à questão do entendimento, a mulher apresentará um belo entendimento e o homem um entendimento sublime; esse último indica um conhecimento mais profundo acerca das coisas. Nessa designação, não há nenhuma pretensão de estabelecer uma hierarquia quanto à forma de entender dos sexos, pois Kant afirma que “o belo sexo possui tanto entendimento quanto o sexo masculino...”.(Kant,1993:49) Mas o estudo árduo e a especulação penosa, diante do olhar kantiano, acabam abafando os traços próprios da mulher.

A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora Dacier, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de Châtelet só pode mesmo faltar uma barba, pois com essa talvez consigam exprimir melhor o grau de profundidade a que aspiram(Kant,1993:48-49)

A mencionada Anne Dacier (1654-1721) foi uma célebre mulher, em seu tempo, por seus comentários e traduções de clássicos greco-romanos, e por sua participação na *Querelle des anciens et des modernes*. Gabriele Emile, conhecida como a marquesa de Châtelet (1704-1749), traduziu e comentou os *Principia* de Newton e curiosamente, foi intimamente ligada a Voltaire. Para Kant, o interesse das mulheres por essas questões contraria a natureza feminina. Assim ao exercer tais funções, as mulheres são vistas como um ornamento que impele uma fria admiração, mesmo que desempenhem com louvor a função a qual se propuseram. E ao adotarem esta postura, entendida como sendo masculina, elas afastam-se imediatamente do objeto primeiro de sua ciência. “O conteúdo da grande ciência feminina é antes, o ser humano e, dentre os seres humanos o homem, e sua filosofia não consiste em raciocinar, mas em sentir.”(Kant,1993:50) Para caracterizar a forma de interesse da mulher, Kant utiliza de uma carta geográfica. Na perspectiva kantiana, tal documento será agradável à mulher na medida em que lhe descreva os povos que habitam tal região, as diferenças existentes de gosto e de sentimento moral que possam influenciar as relações entre os sexos e até alguma descrição fácil do clima, da liberdade e da escravidão. Não importará à mulher as divisões principais, os ofícios, o poder e o soberano desses países. O filósofo prossegue argumentando que para que as mulheres comovam-se com o céu no entardecer, não é necessário que elas tenham algum conhecimento mais profundo do universo. E até mesmo o sentimento pelas pinturas expressivas e para a música não está de modo algum relacionado com artifício, mas somente com o sentimento que tais obras possam vir a provocar. Tais observações, segundo Kant, elevam e refinam o gosto do belo sexo e apresentam uma

ligação direta com as disposições morais.

Na perspectiva kantiana, a mulher compreende o que quer que seja por meio de sensações. Isto é dito para aquelas “que permanecem o mais próximo possível do comportamento do seu sexo” (Kant, 1993:51). Como é o conhecimento empírico que elege os belos pilares, então, o ensino frio e especulativo parece pouco contribuir para a instrução da mulher. Para Kant, a instrução mais apropriada para o gênero feminino depende de um instrutor talentoso, experiente e capaz de transmitir sentimentos. Na falta deste, a mulher não somente pode, mas deve educar-se por conta própria, já que desempenha tal função com admirável destreza.

Para o filósofo, o sentimento moral feminino é consolidado graças aos juízos por elas estabelecidos acerca das condutas observadas e jamais por meio de regras universais. A mulher diante do mal apresenta repulsão. As ações virtuosas para elas são aquelas moralmente belas. Segundo Kant, a mulher só faz o que lhe agrada; seria inútil destinar a elas deveres. Então, se a mulher somente está disposta a fazer o que lhe convém, faz-se necessário tornar aquilo que é bom também agradável. A partir desta concepção, é difícil crer que o belo sexo apresente princípios. Nas palavras do filósofo, “parece difícil acreditar que o belo sexo seja capaz de princípios, e, com isso, espero não ofendê-lo, pois também são muito raros no sexo masculino” (Kant, 1993:52).

Aproximadamente vinte anos após a edição das *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, o discurso de Kant é outro. A *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785) embutida de um caráter universal estabelece os imperativos categóricos como o meio pelo qual se pode atingir a moralidade. Os imperativos são regras universais e devem ser vistos como leis pela vontade humana. Ao considerar essa perspectiva, as mulheres passam então a agregar os valores morais através das regras universais e não mais por meio de observações. O que permite à filosofia crítica kantiana ultrapassar estas distinções, que o filósofo atribui aos gêneros femininos e masculinos, é a adoção da perspectiva de uma subjetividade transcendental, cuja pretensa universalidade supera as diferenças do gênero.

No matrimônio, há o encontro do sublime com o belo. Segundo Kant, tal união implica a constituição de uma única pessoa moral, que deve ser norteadada pelo entendimento masculino e pelo gosto feminino. Esses atributos ocorrem devido ao fato do homem apresentar uma incontestável compreensão baseada na própria experiência e pela mulher manifestar sentimentos dotados de liberdade e justiça. A argumentação prossegue da seguinte forma:

“quanto mais sublime é um estado de espírito, tanto mais se inclina a fazer da felicidade da pessoa amada o propósito central de seus esforços; por outro lado, quanto mais belo ele for, tanto mais buscará corresponder a esse empenho através da amabilidade”(Kant,1993:64-65). Tal argumentação transparece certo equilíbrio, onde se tem por um lado o empenho para a felicidade do outro e em contrapartida uma recepção amável diante de tal esforço. A disputa pela superioridade no matrimônio é considerada “ridícula”. Para Kant se tal disputa ocorre “é o sinal mais seguro de um gosto grosseiro ou mal partilhado. Se se chega ao ponto de se pôr em discussão o direito da autoridade, então a coisa toda já desandou” (Kant,1993:65).

Curiosamente, a concepção sustentada por Kant sobre o matrimônio na obra *Metafísicas dos Costumes* (1797) é contrária a esta mencionada nas *Observações*, visto que o filósofo estabelece que na relação do marido com a esposa, ele tem que ser seu mestre, ou seja, a mulher deve ser necessariamente submissa ao homem para a união do casal. O matrimônio nesta obra é definido como a união sexual mantida por uma lei (*commercium sexuelle*) entre duas pessoas de sexos diferentes, assim tais pessoas têm o direito de fazer uso dos atributos sexuais do outro por toda a vida. E para Kant, o direito do marido em dominar não deve ser considerado como conflitante com a igualdade natural do casal, posto que tal dominação tem como fundamento a natural superioridade masculina, no que se refere à capacidade de melhor atender aos interesses do lar.

Na perspectiva kantiana, a velhice traz consigo certas modificações. As qualidades que outrora eram belas tornam-se sublimes; e esse movimento pertence à ordem natural. Quando as do belo sexo pretendem estender por mais tempo o caráter que apresentavam na flor da idade, tornam-se rabugentas e apresentam humor carrancudo. A mulher quando envelhece e perde em beleza o suficiente para comprometer o ato da sedução, deve ocupar-se da leitura e do alargamento da reflexão. Kant sugere que nesses casos, o marido deve ser o seu primeiro mestre. Essa pessoa que agora apresenta traços sublimes não deve ser mais vista como um objeto de amor, mas sim de respeito.

Do caráter antropológico dos sexos

Na seção destinada ao caráter dos sexos, presente na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Kant afirma, logo de início, que deve haver arte (*tchné*) nas máquinas, que conseguem com pouca força o mesmo tanto que somente se conseguiria com muita. Dito isso, a arte apresenta-se com maior relevância no gênero feminino. Posto que, a natureza atribuiu ao homem maior força. Esses atributos natos distintos proporcionam a união física entre os parceiros. E dessa forma cumpre-se o propósito da natureza, a saber, a perpetuação da espécie.

A união de um casal, sob o prisma kantiano, não ocorre meramente ao acaso. É primordial que uma das partes esteja submetida à outra, mas ambos os parceiros assumem ora a postura submissa ora a superior. Se há interesse com relação ao progresso da cultura, a superioridade deve mostrar-se de forma heterogênea, o homem apresentará vantagem no que diz respeito às suas faculdades corporais e à sua coragem. E a mulher apresenta-se superior ao homem justamente pela sua capacidade nata de dominar a inclinação masculina que se dirige a ela. Em outras palavras, a superioridade que propicia o controle e a manipulação da parte submissa está em ambas as partes. Pois na mera suposição de igualdade nas pretensões, o amor próprio conduziria o casal apenas à discórdia.

Para mandar na casa, o homem apóia-se no direito do mais forte, na medida em cabe a ele defender sua casa contra uma ameaça externa. A mulher, por sua vez, apoiando-se no direito do mais fraco, deve ser protegida. O homem deleita-se com a paz doméstica e devido a isso se submete às regras impostas pela mulher, que não se intimida diante da possibilidade de um conflito doméstico e para tal utiliza de sua eloquência nata. A mulher é capaz de sensibilizar o homem com lágrimas amarguradas que o reprovam diante da falta de generosidade.

No estado selvagem a superioridade estava, somente, do lado masculino, visto que a mulher era considerada um animal doméstico. “O homem vai à frente com suas armas na mão, e a mulher o segue carregando a bagagem de utensílios do lar”(Kant,2006:199). Parte daí, então, a suposição de que a Antropologia deve se colocar voltada mais para o caráter feminino do que para o masculino. Pois as possíveis qualidades naturais femininas ainda pareciam obscuras ao filósofo. E cabe à civilização desenvolver e tornar reconhecíveis tais características.

Kant observa que nestas civilizações bárbaras a poligamia impera. Mas existe no

harém uma mulher que consegue exercer um domínio maior sobre o homem. E que custa muito ao homem conseguir um ambiente tranqüilo em meio às disputas que são travadas entre as mulheres de seu harém. Na sociedade civil, a mulher não se submete aos desejos do homem sem que antes estejam casados, portanto somente a forma monogâmica é aceita.

A liberdade feminina no galanteio não é permitida em certas civilizações, ou seja, a mulher não pode ter outros homens como pretendentes. Elas são, então, castigadas pelos maridos quando chegam a tanto. Kant acredita que o caráter feminino é revelado quando o galanteio converte-se em moda, e o ciúme torna-se ridículo; como acontece em certas épocas de luxo. Entende-se que, ao demonstrar afeto pelo homem, o sexo feminino exige liberdade e simultaneamente a conquista na íntegra do sexo masculino. E apesar desta inclinação sofrer de má fama, verifica-se uma justificativa plausível para tal. Para Kant, o interesse material determina o comportamento das coquetes. Ele argumenta que uma esposa nova sempre corre o risco de tornar-se viúva. E que tal risco faz com que ela direcione seu charme para todos os homens cujas fortunas criam situações favoráveis para o casamento.

Segundo Kant, uma mulher sensata acredita que pode corrigir os maus hábitos do homem. Mas, na maior parte das vezes, ela se engana. Isso, também, aplica-se à opinião da mulher ingênua que acredita que a devassidão do seu marido antes do casamento pode ser negligenciada. Elas pensam que, se o instinto masculino ainda não foi satisfeito o bastante, irá ser suficientemente satisfeito pela esposa. Mas não percebem que a devassidão sexual consiste na variedade do prazer. E que a monotonia no casamento irá, logo, conduzir o homem para sua maneira de viver anterior. O homem que tiver dissipado sua força sexual antes do casamento será um tolo em sua própria casa. Pois, sem atender razoavelmente a demanda, o marido perde a dominação doméstica.

O filósofo também apresenta a caracterização dirigida à mulher feita por Pope². Nesta caracterização, o gênero feminino é determinado sob dois aspectos: a inclinação em dominar e a inclinação ao deleite. Esse contentamento manifesta-se publicamente, ou seja, na simples possibilidade da mulher poder mostrar-se sob vantagem. Desta exibição, a mulher consegue tirar algum proveito, que se refere à inclinação em dominar, “a saber, não agradar menos que as rivais, mas, se possível, vencer a todas elas com seu gosto e charme”(Kant,2006:200). Mas, de acordo

² Alexander Pope (1688-1744), *Moral Essays*, (1733) Epis. 2, linhas 209-10.

com a concepção kantiana, tais inclinações não podem ser utilizadas para a caracterização dos sexos, na medida em que estão presentes em todos os seres humanos. O fato de as mulheres serem hostis umas com as outras poderia até ser considerado uma característica do gênero, mas isso não passa de uma consequência estabelecida pela rivalidade entre elas na conquista do sexo oposto.

As características femininas são denominadas, pelo autor, como sendo debilidades, fraquezas. E Kant observa que há até quem se divirta com isso, somente as pessoas razoáveis irão entender que tais fraquezas servem como uma espécie de tarifa para o controle masculino. Kant entende que para uma caracterização correta do gênero feminino devem-se considerar os desígnios imputados na mulher pela natureza. Sob essa perspectiva são apresentadas as seguintes características: a preservação da espécie e a cultura e o refinamento da sociedade pela feminilidade. No que se refere à primeira, argumenta Kant: “a natureza confiou ao seio feminino seu penhor mais caro, a saber, a espécie na forma de um feto mediante o qual o gênero deveria se reproduzir e eternizar”(Kant,2006:201). Mas para que a perpetuação da espécie se consumasse, foi necessário que a própria natureza implantasse na mulher o medo, diante das lesões corporais e coisas do gênero. Debilidade que faz com que o sexo feminino necessite da proteção do sexo masculino.

A respeito da cultura e refinamento da sociedade pela feminilidade, Kant argumenta que a natureza a fim de infundir sentimentos finos, tais como: sociabilidade e decência (aspectos determinantes da cultura) faz com que a mulher, desde cedo exija que o homem comporte-se de forma suave e cortês; o que faz com que o sexo masculino encontre o caminho para moralidade.

Kant entende que se pode conhecer mais fácil o homem, em um sentido mais profundo, do que a mulher, visto que elas não costumam revelar seus segredos; justamente porque não conseguem guardar em um lugar muito seguro os segredos alheios. As mulheres falam muito, sustenta o autor, pois a natureza lhes atribuiu loquacidade e eloquência emotiva. E estas quando utilizadas juntas podem desarmar o homem.

Segundo o filósofo, desde cedo, a mulher cria confiança na sua habilidade de agradar. O homem jovem já se mostra mais desajeitado na presença das damas, pois é capaz de desagradá-las mais facilmente. A mulher sustenta, então, certa arrogância para restringir as impertinências dos homens. Esse comportamento pretende impor o respeito e tal direito é reivindicado pela

mulher mesmo que ela não o mereça.

No tocante a capacidade intelectual feminina, Kant sustenta em certos argumentos traços misóginos. Pois, utilizando de uma linguagem metafórica, estabelece que as mulheres eruditas utilizam livros tais como relógios. Elas os carregam apenas para que outros vejam, contudo estes estão, geralmente, parados ou nem mesmo foram acertados. O que significa dizer que a mulher não utiliza, de fato, um livro, mas somente se exhibe ao carregá-lo. Na perspectiva do filósofo, a educação e o desenvolvimento feminino é obtido através das questões práticas. E tal metodologia não cabe para o homem.

As observações kantianas sustentam ainda que as virtudes femininas apresentam-se de forma diferente da masculina. E que isso ocorre não somente pela índole, mas também pela causa em jogo. Dito isso, passemos à caracterização: a mulher deve mostrar-se paciente, já o homem deve ser tolerante. A mulher é suscetível, o homem é sensível. A economia do homem consiste em ganhar, a da mulher em economizar. O homem é ciumento quando ama, a mulher é também sem amar, na medida em que qualquer amor obtido por uma mulher consiste em perda para as outras. “O homem tem gosto para si, a mulher faz de si mesma objeto de satisfação para todos.” (Kant, 2006:203)

O autor sustenta que as mulheres devem ser relutantes. E o homem, em contra partida, é aquele que deve insistir, pretender. Por outro lado, visto que a intenção da natureza é que a mulher seja procurada, ela não pode ser tão exigente na escolha dos parceiros. Pois se o fosse, seria ela que a fim de se apaixonar os procuraria e eles quem se mostrariam relutantes. Na perspectiva de Kant, tal comportamento degrada totalmente a dignidade do sexo feminino. Nesse caso, parece que a natureza foi mais benevolente com os homens, pois mesmo tendo o desenhado toscamente, ele agradaria somente pela exibição da energia e do apetite em defender a sua mulher. E cabe a ele também a escolha.

Referências Bibliográficas

CASH, Mason, “Distancing Kantian Ethics and Politics from Kant’s views on women”, In *Minerva- an International Journal of Philosophy* Vol. 6, 2002.

DAVID-MÉNARD, Monique. “As teses de Kant sobre a sexualidade e as diferenças entre os sexos”, in *A Loucura na Razão Pura*. SP: Editora 34, 1996.

KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda. 2006.

_____. *Anthropology from a pragmatic point of view*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1978.

_____. *Metafísica dos Costumes*. São Paulo: editora Edipro, 2003.

_____. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Campinas, São Paulo: Papyrus editora, 1993.

Agradecimento: Agradeço, em especial, à Professora Imaculada Kangussu, quem me “amadrinhou” nesta causa.